Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidade e Diálogos
Edição Comemorativa
Recife, 11 de março de 2019

A CIÊNCIA, A RELIGIOSIDADE E A INTERVENÇÃO PROFISSIONAL NA ÓTICA TRANSDISCIPLINAR

Simone Barreto Lourenço da Silva*

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de fomentar a discussão acerca da relação entre transdisciplinaridade, profissão e religião. Parte do princípio da compreensão sobre a ciência na Idade Média e sua relação com a Igreja Católica, de base universal, porém metafísica; sua transformação na Modernidade, com a construção do paradigma mecanicista e positivista e as mudanças ocorridas na contemporaneidade. Discorre sobre o novo paradigma científico presente neste período, particularmente a partir da física quântica e as inovações que ocorrem com a teoria da Complexidade, com a lógica do terceiro incluído e com a Metodologia Transdisciplinar. Propõe uma ética transdisciplinar na intervenção profissional, na qual se inclui a religião enquanto atitude do diálogo, da convivência respeitosa entre os diferentes e do compartilhamento do conhecimento, em que a religião existente na formação do ser social se caracterize enquanto viabilidade de uma ordem espiritual importante na construção do saber, porém não com primazia em relação à perspectiva do conhecimento científico, de forma a dialogarem dialeticamente na e para a intervenção profissional. O limite entre a ciência/intervenção profissional e a religião há que seguir as diretrizes da transdisciplinaridade, na unidade presente na relação entre Sujeito Transdisciplinar e Objeto Transdisciplinar, unidade essa que considera a completude e incompletude dos opostos no sentido de que não existe verdade absoluta e a realidade contempla níveis diversos. Tem-se como base Nicolescu (1999), que desenvolveu os conceitos da teoria da Complexidade, formulando a lógica do terceiro incluído e, por fim, sistematizando a Metodologia Transdisciplinar, que contém três pilares que a sustentam, considerando a existência de diferentes níveis de realidade; a lógica do terceiro incluído e a complexidade.

Palavras-chave: Transdisciplinariedade. Profissão. Religião.

INTRODUÇÃO

Pensar acerca da transdisciplinaridade requer uma reflexão sobre o pensamento científico medieval e sua relação com a religião e a metafísica, a mudança para o paradigma moderno e a sua superação a partir da construção de um novo saber contemporâneo e complexo, sobretudo com as descobertas da física quântica.

* Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: simbar39@gmail.com

O termo transdisciplinaridade nos remete à compreensão do processo de fragmentação do conhecimento, que surgiu e se consolidou durante a modernidade, com o advento do capitalismo e consequentes transformações nas relações de produção, a partir da incorporação do paradigma científico mecanicista. Esse modelo serviu para dar suporte ao novo sistema sociopolítico e econômico do período que compreende a idade moderna, que tem seu surgimento nos séculos XV e XVI e termina no século XX. Nesse contexto, surgem as Ciências Naturais, no século XVII, que apresentavam uma nova perspectiva de fazer ciência. Desde então, começa a redefinir seus conceitos e paradigmas, saindo de uma lógica binária, cartesiana, positivista, para uma compreensão mais sistêmica da realidade, em que o terceiro elemento/terceiro incluído começa a se constituir na construção do conhecimento. A ciência passa a ampliar as possibilidades de interpretação do mundo, a partir da combinação de diversas disciplinas- interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, contribuindo para a superação da fragmentação e da exclusão, em que o diálogo e as dimensões da totalidade consideram as diversas esferas do saber e da religiosidade na intervenção profissional.

A RELAÇÃO ENTRE TRANSDISCIPLINARIEDADE, PROFISSÃO E RELIGIÃO

A ciência moderna tem suas particularidades: em que pese as diversas mudanças existentes ao longo da história, ainda se convive com aspectos marcantes da constituição do saber moderno: a razão, a objetividade e a neutralidade. Tais elementos foram fundamentais para a construção de uma nova hegemonia, em oposição ao domínio da fé e da metafísica, presentes na ciência da Idade Média, no entanto, não tem sustentabilidade na atualidade e, nesse sentido, convivemos com seu evidente declínio e superação a partir da Contemporaneidade.

Pode-se discorrer historicamente sobre a construção do saber no âmbito das universidades, que, na Idade Média, estavam vinculadas à Igreja Católica. Essas instituições eram denominadas *universitas,* pois pretendiam ter uma base universal, em amplitude e união das diversas disciplinas em um só espaço físico. Sobre a Universidade, Pernoud diz o seguinte:

> […] Criada pelo Papado, a Universidade tem um caráter inteiramente eclesiástico: os professores pertencem todos à Igreja, e as duas grandes ordens que ilustram, no século XIII, Franciscana e Dominicana, vão lá, em breve cobrir-se de glória, com um S. Boaventura e um S. Tomás de Aquino; os alunos, mesmo aqueles que não se destinam ao sacerdócio, são chamados clérigos, e alguns deles usam a tonsura – o que não quer dizer que aí apenas se ensine a teologia, uma vez que seu programa comporta todas as grandes disciplinas científicas e filosóficas, da gramática à dialética, passando pela música e pela geometria.” (PERNOUD, 1996. p. 98).

O que se evidencia no texto é a existência de um diálogo entre as disciplinas, num contexto social e econômico em que a produção de mercadorias era, em sua maioria, agrária, e o comércio era derivado das produções artesanais. Em ambas as situações, a relação existente entre sujeito produtor e objeto produzido não era fragmentada. Sujeito e objeto se tornavam *uno* durante a produção e o tempo que prevalecia era o da natureza e da criatividade do sujeito, que, por sua vez, identificava-se com o processo de criação e com o objeto produzido. O processo teleológico se estabelecia e o trabalho se tornava libertador, por ser inserido num contexto de antecipações do produto e de constantes transformações sujeito-objeto, de forma que à medida que o sujeito transforma o objeto produzido, ele próprio se transforma.

Com o capitalismo industrial/concorrencial surgido na idade moderna, o processo de produção se estabeleceu na divisão social e técnica do trabalho. O sujeito e objeto passaram a ser estranhos entre si, o ritmo do trabalho não seguiu padrões de criatividade, e o objeto final, o produto, não foi mais pensado antecipadamente pelo produtor, mas sim pelos donos dos

meios de produção, ocorrendo a partir de então, o processo de alienação do trabalho.

Essa base produtiva foi influenciada pela ciência moderna e a retroalimentou, no entanto não é possível conceber as mudanças apenas do ponto de vista da base produtiva. As diversas manifestações presentes na sociedade, do ponto de vista da cultura, espiritualidade e produção de conhecimento foram igualmente importantes para o início de uma ciência voltada para as especializações. Sobre esse assunto, Jantsch e Bianchetti (1995, p.186) ressaltam que os fatos mais marcantes foram: a justificação da necessidade da razão como forma de comprovar a existência de Deus e da ciência; a urbanização aliada à produção de existência com base na manufatura; a passagem dos mosteiros às escolas catedráticas e paroquiais; o renascimento; o iluminismo; o protestantismo; a comprovação da teoria heliocêntrica de Copérnico, por Galileu.

Segundo Capra (1982), antes de 1500 a estrutura científica da visão de mundo tida como orgânica, assentava em duas autoridades, Aristóteles e Igreja, representando a razão e a fé. Entre 1500 e 1700, houve uma mudança na maneira como as pessoas descreviam o mundo, tornando o alicerce para a era moderna. A noção do universo orgânico, vivo e espiritual foi substituída pela noção de máquina, ocasionado pelas mudanças na física e astronomia, caracterizando uma revolução científica e, portanto, o surgimento de novo paradigma, com base na matemática, no procedimento indutivo e no distanciamento das questões relacionadas a Deus e à fé. Os principais representantes da ciência moderna do século XVII foram René Descarte e Newton, o que veio a alterar o paradigma científico, ao se incorporar a lógica binária, a neutralidade e objetividade extrema.

Segundo Sommerman (2006), foi a partir do século XII que começou a existir uma grande ruptura das visões cosmológica, antropológica e epistemológica na sociedade europeia, iniciando-se uma perspectiva e uma

teoria do conhecimento mais racional e empírica. Ainda, segundo Sommerman, essa migração,

> Levou a estrutura circular das disciplinas-que se realimentavam mutuamente para permitir a compreensão do todo- a uma redução e fragmentação cada vez maior do saber. (2006, p.9).

A grande ruptura, conforme o autor, ocorreu com a incorporação da razão aristotélica ao mundo das ciências, mais especificamente a partir do século XIII, o que "estabeleceu uma divisão entre uma Teologia mística (de cunho platônico) e uma Teologia racional (de cunho aristotélico)" e saindo de uma perspectiva multidimensional para uma concepção bi ou unidimensional do mundo. (SOMMERMAN, 2006, p. 11).

A fragmentação do conhecimento e a separação dos saberes ganha corpo com o Iluminismo, que se apoiou no racionalismo e, a partir do século XIX, ocorre uma significativa fragmentação das disciplinas com o advento do positivismo. Contudo, foi de fato o século XX que contribuiu para a hiperespecialização disciplinar, pelo aumento exponencial do volume e complexidade dos conhecimentos e pela ampliação e sofisticação das tecnologias. (SOMMERMAN, 2006, p. 24).

Ainda, em se tratando das ciências, Morin, discorre sobre as vantagens e desvantagens existentes em suas transformações a partir da modernidade. Trata que,

> Assim, os desenvolvimentos disciplinares das ciências não só trouxeram as vantagens da divisão do trabalho, mas também os inconvenientes da superespecialização, do confinamento e do despedaçamento do saber. Não só produziram o conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira. (2003, p. 15).

Na contemporaneidade, sobretudo a partir das descobertas da física quântica, a ciência começa a redefinir seus conceitos e paradigmas, saindo de uma lógica binária, cartesiana, positivista, para uma compreensão mais sistêmica da realidade, em que o terceiro elemento começa a se constituir na construção do conhecimento. A ciência passa a ampliar as possibilidades

de interpretação do mundo, a partir da combinação de diversas disciplinas-interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Desde então, Nicolescu (1999) desenvolveu os conceitos da teoria da Complexidade, formulando a lógica do terceiro incluído e, por fim, sistematizando a Metodologia Transdisciplinar, que contém três pilares que a sustentam, considerando a existência de diferentes níveis de realidade; a lógica do terceiro incluído e a complexidade. Para Nicolescu, para cada nível de realidade diferente existe um correspondente nível de percepção dessa realidade, no sentido de que não existe verdade absoluta. A passagem de um nível de realidade para outro é realizado pela lógica do terceiro incluído; e a estrutura global, da totalidade dos níveis de realidade e percepção é possibilitado por uma estrutura complexa: todo nível existe porque todos os níveis existem ao mesmo tempo. (2003, p.2).

Segundo o paradigma clássico, os contraditórios são excludentes, ou seja: A é A; não-contradição: A não é não-A; e o terceiro excluído: não existe um terceiro termo T ao mesmo tempo A e não-A. Segundo Santos; Santos e Chiquieri, "A diferença entre tais lógicas está no terceiro axioma [...] A lógica do Terceiro Incluído admite (existe um terceiro termo T que é ao mesmo tempo A e não-A)" (2009, p.5).

Na relação entre Transdisciplinaridade, Profissão e Religião, pode-se identificar que, na contemporaneidade, a crise do paradigma clássico encontra-se instalada, pelo fato de o modelo de ciência moderna estar coexistindo com o paradigma atual, transdisciplinar. Isso gera conflitos na formação e atuação profissional. Ao mesmo tempo, quando inserimos a perspectiva religiosa na conjunção dos fatores ligados à ciência e à profissão, alarga o conjunto de situações complexas.

A Carta da Transdisciplinaridade, elaborada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, no Convento de Arrábida, Portugal, em 1994, por Freitas, Morin e Nicolescu, propõe-se a ser um Protocolo, um contrato moral, trata que a transdisciplinaridade não procura o domínio

sobre as outras disciplinas, mas a abertura de todas àquilo que as atravessa e ultrapassa (Art. 2). Considera que o formalismo excessivo, a rigidez das definições e o absolutismo da objetividade, comportando a exclusão do sujeito, levam ao empobrecimento (Art. 4). Defende a dignidade do ser humano como sendo de ordem cósmica e planetária (Art. 8) e que conduz a uma atitude aberta em relação aos mitos e religiões (Art. 9) e às culturas diferentes (Art. 10).

A ética transdisciplinar, portanto, é a atitude do diálogo, da convivência respeitosa entre os diferentes, do compartilhamento do conhecimento. No âmbito da intervenção profissional, a formação acadêmica fragmentada, objetiva, neutra, não estabelece uma base aceitável para as intervenções atuais. Ao mesmo tempo, o profissional enquanto ser social possui um lastro religioso e que contribui para a sua visão de mundo, não havendo uma separação, uma objetivação entre o ser espiritual e o profissional. O limite entre a ciência/intervenção profissional e a religião há que seguir as diretrizes da transdisciplinaridade, na unidade presente na relação entre Sujeito Transdisciplinar e Objeto Transdisciplinar. Da mesma forma que o novo paradigma de ciência não contempla o distanciamento entre sujeito e objeto, também não estabelece a influência marcante da religião nas intervenções profissionais, a ponto de contribuir para decisões unicamente pautadas numa moral religiosa. O limite entre religião e intervenção profissional há de considerar a legitimidade das diversas religiões e religiosidades presentes na cultura e na sociedade sem, no entanto, se sobrepor à dimensão do saber científico e vice-versa, enquanto construção de uma totalidade, porém complexa e multidimensional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a ciência, a religiosidade e a transdisciplinaridade é uma construção histórica. O processo que envolve ciência e religião partiu do Uno, da totalidade, da base universal das *universitas,* que se traduziam em amplitude e união das diversas disciplinas, porém com duas principais bases: a razão e a fé, representando a ciência e a religião. Essa unidade, mesmo que pautada em dualidade, foi rompida e fragmentada. O pensamento científico da época, orgânico e espiritual, passou a ter como referência a máquina, representada por peças separadas de uma engrenagem.

Na era contemporânea, a ideia da unidade razão e fé é retomada, entretanto com caraterísticas mais complexas e voltadas à dialética da completude dos contrários, da não verdade absoluta, da construção de uma saber ao mesmo tempo científico e espiritual que se transformam em uma terceiro elemento diferente dos anteriores. Nesse contexto, as profissões se amparam na relação dialética e dialógica entre as disciplinas, sem que haja domínio de umas sobre as outras, o que traz como consequência a intervenção profissional pautada na dignidade da pessoa humana, na consideração do sujeito como parte do cosmo e possuidor de religiosidade, num diálogo aberto às culturas e religiões diferentes, da convivência respeitosa entre os diferentes e do compartilhamento do conhecimento, numa atitude ética e moral transdisciplinar, longe da neutralidade e objetividade presentes na ciência moderna e rica em multiplicidades.

REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

JANTSCH, A.P; BIANCHETTI, Lucidio. **Imanência, História e Interdisciplinaridade**. In. JANTSCH, A.P; BIANCHETTI, Lucidio (org.).

Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NICOLESCU, Barsarab. **Definition of Transdisciplinarity**. Disponível em https://interdisciplines.org/interdisciplinarity/papers/5/ Acesso em 01/07/2018.

PERNOUD, Regine. **Luz sobre a Idade Média**. Publicações Europa-América, 1996.

SANTOS, Akiko. SANTOS, A. C. S. CHIQUIERI. A. M. C. **A dialógica de Edgar Morin e o terceiro incluído de Basarab Nicolescu**: uma nova maneira de olhar e interagir com o mundo Disponível: www2. unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/.../conf_a_dialogica_de_edgar_morin.p df . Acesso em 01/07/2018

SOMMERMAN. Américo. **Inter ou transdisciplinaridade?** : da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes. São Paulo: Paulus, 2006.